

# E o Verbo se faz tecido: Palavra e palavra nos fios do Concílio Vaticano II

And the Word becomes tissue: the Word and words interwoven in Vatican II

*Marcelo Furlin\**

**Resumo:** A condição humana de ser e de estar no mundo é revelada in integrum por meio da linguagem e, iluminada por circunstâncias culturais, sociais e religiosas, desenha os caminhos de homens e mulheres ao longo da História. No enfoque desse quadro, um olhar mais refinado sobre o locus theologicus revisita a aproximação entre o humano e o sagrado; a ação litúrgica, capturada ab initio, opera um movimento simbólico e dialético que imprime a presença de múltiplas manifestações nas comunidades cristãs. Nesse horizonte, o verbo literário é valioso instrumento para metaforizar o anúncio e a tessitura do Verbo. O objetivo do artigo, em fase inicial de pesquisa, é apresentar aspectos essenciais da palavra que contemplam a revelação do Verbo na sacralidade da ação litúrgica. O constructo teórico de tal recorte será fundamentado, essencialmente, sobre a concepção de liturgia como sinal e atualização da *Historia salutis*, na inspiração do Concílio Vaticano II.

**Palavras-chave:** Liturgia; Celebração Cristã; Concílio Vaticano II; Texto Literário.

**Abstract:** The human condition of being in the world is essentially revealed through language and under cultural, social and religious circumstances, paves the way for History over time. From such multiple

---

\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na área de Humanidades na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e na Especialização em Liturgia, Ciência e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contato: marcelofurlin267@gmail.com

perspectives, the liturgical act viewed *ab initio* promotes a symbolic and dialectical movement in Christian communities. In this sense, the literary word comes out as a valuable tool to metaphorically proclaim the Word. The article is intended to weave human words and the Word in the stretch liturgical tissue. Brought closely into focus, the concept of liturgy comes out as divinely inspired by the Vatican II and sheds new light on the *Historia salutis*

**Keywords:** Liturgy; Christian celebration; Vatican II; Literary text.

## Os fios de um novo tecido...

La proclamazione della Parola è un'arte.

(Silvano Sirboni)

A materialidade linguística dos textos bíblicos, considerada no domínio da liturgia, constitui um fenômeno que articula olhares instigantes sobre o entrelaçamento dos fios de um tecido em construção. Uma iniciativa imaginada pelos matizes do desafio, na tentativa de desvelar palavras, conceitos e imagens, nutrida pelo desejo de buscar os fios, sempre novos, que brotam da Constituição Sacrosanctum Concilium<sup>1</sup> sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, promulgada há cinquenta anos.

Contribuir criticamente para o movimento de concepções estudadas e ornamentadas no tecido da liturgia – a reflexão inscrita como mínima sacramentalia, na inspiração de Leonardo Boff<sup>2</sup> – assume a corporeidade de um breve relato sacramental. De fato, a Palavra internamente divina encontra a palavra externamente humana, no sentido de orquestrar os ritos que permitem o acesso à mística inacabada

<sup>1</sup> BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

<sup>2</sup> Cf. BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012a.

e infinita. Diante dessa composição, o participante do *mysterium* é motivado a investigar e a tematizar, com novas particularidades, os horizontes abertos pelo ato de (re)velar o locus do Verbo e do verbo. A palavra se faz inter-ação, e habita entre nós.

O tema em perspectiva aproxima o pensamento de alguns liturgistas (BORÓBIO<sup>3</sup>; GIRAUDO<sup>4</sup>; TABORDA<sup>5</sup>), entre outros, e a centralidade da Palavra de Deus fundamentada pelo Concílio, no intento de abrir vias de diálogo entre a Palavra proclamada nas celebrações litúrgicas e a palavra humana, revestida pela estética que assume a corporeidade do Verbo.

Na confecção de um tecido polissêmico, com fios sagrados e humanos, apresenta-se um retalho sobre o movimento da Palavra, no recorte do Concílio Vaticano II, moldado pela interface com a palavra em sua expressão literária. A intenção é iniciar uma nova trama, particularmente marcada pelo olhar da literatura que cruza, de forma estética, com a manifestação da Palavra de Deus encarnada na assembleia cristã.

## O tecido da Palavra e da palavra

Iahweh guarda seus ossos todos, nenhum deles será quebrado.

O início do século XXI é cenário, com a mesma intensidade de passados cinquenta anos, dos ventos renovadores que entraram na Igreja Católica, em janelas abertas pelo Espírito Santo, como sinal sensível de novos tempos. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*<sup>6</sup>, documento inaugural do Concílio Vaticano II aprovado no dia 4 de dezembro de 1963, representa uma significativa mudança de eixo na compreensão e na vivência da liturgia que, por muitos séculos, havia

---

<sup>3</sup> Cf. BORÓBIO, Dionísio. **Historia y teología comparada de los sacramentos**: El principio de la analogía sacramental. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2012.

<sup>4</sup> Cf. GIRAUDO, Cesare. **Stupore eucarístico**: per una mistagogia della messa “attraverso i riti e le preghiere”. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

<sup>5</sup> Cf. TABORDA, Francisco. **O memorial da páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

<sup>6</sup> BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

sido marcada por excessivas práticas devocionais, centradas em um individualismo religioso e voltadas a aspectos acidentais, e não essenciais, da fé. Surge, com intensidade, o conceito de uma dimensão eclesial comunitária, impresso na celebração do mistério pascal como momento cronológico e escatológico da *Historia salutis*, uma vez que a Constituição volta-se às fontes de uma eclesiologia de comunhão. Sob tal prisma, a participação plena, consciente e ativa da assembleia na liturgia recebe a condição de prioridade, pois o povo cristão é “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido”.<sup>7</sup>

Em essência, o evento conciliar estabelece um equilíbrio constitutivo entre Teologia e Antropologia, tendo em vista o fortalecimento da presença animadora e transformadora da Igreja e de sua missão no mundo. Essa eclesiologia diferenciada, transitiva e dialogal, ganha contornos mais definidos em uma compreensão indispensável para a catolicidade em tempos pós-modernos:

Acentuam-se a dimensão trinitária da revelação de Deus, a participação da natureza divina, o grande amor do Deus invisível a conversar conosco como com amigos, o convite à comunhão, a mútua relação dos atos e das palavras, das obras e dos ensinamentos. Afirmam-se, primeiro, os “acontecimentos” (*gestis*) para só depois mencionar as “palavras” (*verbis*) para proclamar e elucidar os mistérios neles contidos.<sup>8</sup>

Na mesma via, Boff<sup>9</sup> reflete sobre a vocação transcendental e escatológica da comunidade humana em um processo histórico inacabado, ao longo do qual homens e mulheres são chamados(as) a participar do ato criador de Deus. Nessa trama, a vocação transcendental é realizada por meio de vocações terrenas, no intento de preparar, gradativamente, o estado definitivo do ser humano: a nova criação, com raízes em sociedades pluralistas.

Amparado nessa moldura, o artigo sugere o refinamento de olhares críticos. O Concílio Vaticano II, no documento sobre a Sagrada

<sup>7</sup> Cf. 1Pd, 2,9.

<sup>8</sup> Cf. LIBANIO, João B. **Introdução à teologia** fundamental. São Paulo: Paulus, 2014. p. 168, grifos e parênteses do autor

<sup>9</sup> Cf. BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 12. ed. Petrópolis, rio de Janeiro, [1973] 2012b.

Liturgia, ilumina a centralidade da Palavra de Deus na celebração cristã. Giraudo<sup>10</sup> apresenta uma notável dialética do discurso litúrgico, pautada em um senso pós-conciliar: o movimento descendente, que revela o anúncio da Palavra à assembleia reunida, e o movimento ascendente, que dinamiza a palavra humana entrelaçada com o Verbo – o tecido litúrgico, tingido no memorial do Christus Totus. Uma possível captura desse movimento deixa-se transparecer na alteridade da escrita literária, que contempla a palavra de livre constituição. A proposta é mirar essa trama com deleite.

A fim de melhor compreender a relação entre a Palavra e a palavra, em princípio, é importante sublinhar que o discurso da arte, que dialoga com o discurso do sagrado, compõe um conjunto de vozes plurais e celebra o deslocamento do sentido único. Nesse acento, o texto literário e o texto litúrgico definem a sua condição distinta, pois revelam a multissignificação da palavra que se transforma dialogicamente, como um processo de libertação do imutável.

É justamente no horizonte desse desafio que a palavra da ficção e da celebração aproxima o sujeito e o texto. Ambos desenham o movimento da tessitura dialógica, no qual se entrelaçam, simultaneamente, a linguagem do código, o efeito da mensagem e a abertura da interpretação. Com tal sistema, se irrompe a questão de que a arte da palavra se revela como mosaico de múltiplas possibilidades de representação metafórica, impressa na polissemia do verbo literário, é legítimo verificar que é sempre possível criar novos meios de expressão, para além dos métodos de análise e de seus recursos operatórios, não raramente marcados por orientações redutoras. De modo semelhante, a liturgia manifesta suas formas simbólicas de expressão como anúncio do mistério pascal na história da atualidade.

A palavra literária, entendida como fonte de (re)significação, favorece o processo ao longo do qual o ser reconhece e participa do movimento presente na mutabilidade do signo verbal. O discurso se fragmenta; o sujeito é assumido no ato da criação artística e atualiza

---

<sup>10</sup> Cf. GIRAUDO, Cesare. **Stupore eucarístico**: per una mistagogia della messa “attraverso i riti e le preghiere”. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

a eterna recriação da palavra. É assim que, a partir da tensão geradora dessa perspectiva, a expressão literária alcança uma projeção particular ao rasgar o papel da monossemia, no entendimento de que o ato verbal representa um processo instaurador de sentidos<sup>11</sup>. Surge aqui outra concepção: o texto-tecido que não se rasga, mas que compõe um mosaico de significações, pois nenhum de seus fios será rompido...

Esse recorte reflexivo sugere o entendimento da literatura e da liturgia como uma composição dinâmica, na qual a expressão organiza a experiência, atribuindo-lhe sentidos. Nesse enfoque crítico, o ato de interação com o texto não é estático; antes, requer a presença do lector totus, cujo exercício de interpretação advém da pluralidade de conceitos não encerrados em si próprios, mas abertos às inesgotáveis inter-relações linguísticas, ideológicas e discursivas.

Ademais, no patrimônio da palavra caracterizado pela incompletude, agrega-se a necessidade de considerar elementos subjacentes à superfície do tecido. Há tramas sistêmicas e inacabadas, que desvelam preciosas chaves de interpretação. Em suma, no cenário do texto, o sujeito é motivado a reconhecer a textura expressiva da múltipla representação de sentidos, implícita ou explicitamente, na intenção de resgatar a gênese da palavra. Nessa experiência, que evidencia o pensamento e suas configurações variáveis, há a revelação de um processo sem fim, cuja essência contempla a força da escrita literária no viés da palavra livre.

Com tal destaque, todo texto é essencialmente único, e do ponto de vista do signo linguístico, importa em novas interfaces entre literatura e liturgia. De modo particular, tal afirmação ganha substância a partir do sujeito inserido em seus entornos, no sentido de ressignificar a expressão da arte e da fé a cada nova experiência do verbo metaforicamente inscrito, transformando a palavra em signo plural a fim de nutrir a dialética da existência.

---

<sup>11</sup> No capítulo intitulado “Intentio Lectoris: apontamentos sobre a semiótica da recepção”, em **Os limites da interpretação**, p.1-19, Umberto Eco aborda a prática interpretativa considerando a natureza do texto, “visto como uma máquina que produz uma deriva infinita do sentido” e a condição do leitor perante o fenômeno. Com efeito, a leitura do capítulo aqui referido reveste-se de grande relevância para o embasamento das questões apresentadas nesta reflexão.

Vale acrescentar que a singularidade do texto literário não se esgota nos limites da contemporaneidade e que sua essência transcultural pode ser caracterizada em termos sensivelmente renovados. Com efeito, a arte, em seus processos de valoração estética, revela, em última instância, o texto como labirinto, com representações isentas de sentidos absolutos.

Outra especificidade do registro literário merece menção. Quando a leitura como ato isolado é substituída pelo enfoque da continuidade, por meio do qual o que é escrito anteriormente se projeta nas séries de textos que virão, a abertura do campo conceitual permite a expressão de intertextualidade dialógica, numa representação em que a liberdade e a força de transformação são instauradas.

Na perspectiva da presente reflexão, a palavra literária e a palavra litúrgica atualizam seu compromisso com a humanidade. Nas aberturas pós-conciliares, a Igreja deixa de sustentar, unicamente, o arquétipo de instituição divina e eterna e revela-se como comunidade histórica de fiéis. Eis um mosaico: a palavra e a Palavra na tessitura dos fios ascendentes e descendentes, como locus da revelação e da experiência do *mysterium* nos cenários plurais da atualidade.

## O tecido renovado: a Palavra à luz do Concílio Vaticano II

Digno és tu de receber o livro e de abrir seus selos. (Ap. 5,9)

Movido pela reforma litúrgica pós-conciliar, Gelineau<sup>12</sup> coloca em relevo um panorama histórico-crítico que lança olhares reflexivos sobre a assembleia litúrgica e suas características teológicas e sociológicas. Com fundamentos da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja, o autor sugere a confecção de um fino tecido, que abre possibilidades para o exercício da reflexão *in transitu* sobre o ser e o estar na comunidade eclesial, em consonância com as inúmeras exigências da contemporaneidade. A era pós-Vaticano II busca a construção de uma

---

<sup>12</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. **Em nossas assembleias**: teologia pastoral da missa. São Paulo: Paulinas, 1973.

liturgia viva, celebrada de modo que os ritos possam contemplar a pluralidade das sociedades. Considera-se, portanto, que o referencial teórico abre espaços de diálogo com a proposta de uma concepção da liturgia como rica fonte de espiritualidade cristã e que, nessa inspiração, pode ser aproximada à especificidade da poesia como uma leitura de mudança de paradigmas.

## A palavra poética

Além de elementos teológicos, a linguagem presente na liturgia alcança espaços antropológicos e culturais. Na perspectiva de Gerhards e Kranemann<sup>13</sup> “A linguagem litúrgica participa do mistério celebrado do auto anúncio de Deus em Jesus Cristo, que na liturgia se torna conhecido como algo presente”. Assim, o hoje da História, ao mesmo tempo que caracteriza a comunidade humana, abre-se a marcas essencialmente atemporais. Nessa via, é possível vislumbrar uma poética da Palavra.

Convêm assinalar, ab initio, as considerações de significativo valor interpretativo acerca do estado lírico, tecidas por Staiger<sup>14</sup>. Segundo o crítico, a poesia é concebida à luz de uma unidade indissolúvel, cujo cerne exprime a fusão intrínseca entre a significação e a musicalidade das palavras. O poeta, movido pelo ímpeto ardoroso da inspiração, abandona-se ao labirinto da escrita lírica e constrói seu mundo particular em oposição à reprodução verbal e externa de um estado. Essencialmente, o autor lírico não se prende às convenções do universo exterior e desenha a palavra literária graças à “disposição anímica”, expressão criada por Staiger para conceituar o sentimento impetuoso que dá forma à gênese da poesia. Portanto, para o autor lírico não existe uma única realidade estagnada, mas sim, realidades passageiras ou acidentais que surgem nos momentos de auge da

<sup>13</sup> GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia**. São Paulo: Loyola, 2012.

<sup>14</sup> A partir dos conceitos apresentados pelo autor, o estudo estabelece uma relação mais estreita entre a palavra poética e a palavra proclamada liturgicamente, na perspectiva de que a poesia nutre a revelação do Verbo. Cf. STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.



inspiração criadora. Dessa forma, o poeta é digno de abrir os selos do livro...

gênero lírico é metaforicamente subjetivo e a escrita poética é, por excelência, de caráter intimista. Entendida nesses termos, a poesia se desenvolve em uma singular mistagogia, tornando-se a “arte da solidão”, absorvida em plenitude pelos conhecedores da mesma experiência. Sob tal perspectiva, é possível afirmar que a distância entre o texto poético e o texto construído pelo leitor perde matizes, pois o poeta, ao concentrar-se quase que exclusivamente no “eu” lírico, afasta-se da percepção das aparências e mergulha na subjetividade para escapar à superficialidade da aparência. Há, nesse trânsito, a revelação gradativa de intimidade, como se fosse possível ao poeta estar cada vez mais próximo ao centro de sua busca: a fusão do “eu” e do “outro”.

No desenho desse horizonte teórico, a experiência da poesia permanece inscrita na significação do tempo. O sentido de tal premissa ganha substância no recorte crítico.

O tempo da poesia estabelece um vínculo de parentesco com as outras dimensões [tempo cronológico, tempo psicológico, tempo metafísico], conforme uma escala de valor que principia no tempo histórico e finaliza no mítico. Efetivamente, o tempo da poesia pouco ou nada tem a ver com o tempo cronológico: a poesia é a-histórica, atemporal, porquanto se move num tempo que não pode ser medido pelo calendário.<sup>15</sup>

A composição da linguagem poética, portanto, fundamenta a ação litúrgica como um acontecimento da Palavra e da palavra, em uma moldura nomeadamente caracterizada pela reunião de homens e de mulheres. A poesia pode expressar, liturgicamente, a assembleia desenhada em duas esferas que se unem na celebração do mistério pascal:

Na liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já, da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos, onde o Cristo está sentado à direita de Deus, qual ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; com toda a milícia do exército celeste entoamos um hino de glória

<sup>15</sup> Cf. MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia e prosa. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 121.

ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; esperamos pelo Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida, se manifeste, e nós apareçamos com ele na glória.<sup>16</sup>

## A moldura do tecido

A partir de um sólido percurso, Gelineau<sup>17</sup> promove uma composição de conceitos que dá forma à imagem do povo de Deus em assembleia. No intento de desenhar o constructo reflexivo deste artigo, os temas na sequência serão considerados como ornamentos em destaque no tecido litúrgico, tendo em vista o aprofundamento das percepções e reflexões postas pelo evento mais significativo da Igreja Católica nos últimos séculos: o Concílio Vaticano II.

## Assembleia litúrgica e mistério pascal: os fios entrelaçados

Uma das marcas mais acentuadas da assembleia litúrgica é a (re)união de indivíduos. Nesse sentido, cabe sublinhar que o sistema plural de interações entre os membros pode ser apresentado como elemento de criteriosa observação para contemplar a Igreja como povo de Deus. De fato, a ação litúrgica está associada ao ser e ao fazer eclesial; assim, o sujeito da liturgia é a Igreja, e não o indivíduo.<sup>18</sup>

O documento conciliar insere a liturgia na moldura da ação de um povo sacerdotal. Inúmeras vezes encontram-se expressões que ilustram atos de congregação – “povo santo”, “povo cristão”, “povo adquirido”. Com efeito, Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote, reúne seu povo que, marcado pelo Batismo, legitima a participação ativa e plena do

---

<sup>16</sup> Cf. SC 8.

<sup>17</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. **Em nossas assembléias**: teologia pastoral da missa. São Paulo: Paulinas, 1973.

<sup>18</sup> Cf. CELAM. **Manual de liturgia IV**: a celebração do mistério pascal, outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus: 2007.

corpo e do espírito. Nos matizes desse impulso, são consideradas as palavras de Passos<sup>19</sup>: “A ekklésia é movimento centrífugo de ida para fora do idêntico, na direção do outro”. Nesse sentido, participação e comunhão representam, ao mesmo tempo, ideal e serviço, unidade e pluralidade, na perspectiva de um só povo, que se oferece e rende graças ao Pai<sup>20</sup> por meio de Cristo, no Espírito Santo.

Diante de tal contexto, emergem a Tradição e a renovação do testemunho evangélico. Assim, a identidade católica pode ser associada à crença de cristãos que pertencem a confissões diversas. A via ecumênica, como busca de unidade por meio do diálogo, transforma o pluralismo das sociedades em dom legítimo do Espírito. Na contemplação da Trindade, entende-se que a unidade é construída, sobretudo, pela comunhão. Nesse viés, o banquete é preparado escatologicamente na História e o testemunho dos que são marcados pela fé surge como um sinal sensível para todos os povos. Destaca-se, com veemência, que a contribuição da Sacrosanctum Concilium<sup>21</sup> não deve apenas alimentar a teoria<sup>22</sup>. De modo singular, há um único plano de salvação, concebido e realizado por diversos instrumentos pluriformes de graça, na Igreja Católica e nas demais confissões cristãs.

A Constituição fundamenta a presença do comunitário sobre o particular. Nesse ponto, o Concílio promove um novo movimento, que transfere a liturgia centrada na imagem do sacerdote celebrante para a assembleia do povo sacerdotal. Para Ferraris<sup>23</sup> a Palavra de Deus não é apenas criadora, não é somente revelada e encarnada. Com efeito, a Palavra ganha presença por meio do testemunho da comunidade humana, na moldura de seu contexto histórico-social. Portanto, é legítimo afirmar que a liturgia é constituída como a ação vital da Igreja e sacramento de presença.

---

<sup>19</sup> Cf. PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso**. São Paulo: Paulus, 2014.

<sup>20</sup> Cf. SC 48.

<sup>21</sup> BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012.

<sup>22</sup> FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II: a luta pelo sentido**. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>23</sup> Cf. FERRARIS, Felice. **La mensa della Parola e dell'Eucaristia: per ben celebrare con il Lezionario e il Messale**. Milano, Paoline, 2009.

Jesus Cristo é o “convocador universal” que congrega, em cada celebração cristã, a assembleia histórico-local, (re)unida em sua diversidade para o encontro festivo da ceia pascal. Tal convite encontra raízes na aliança do Antigo Testamento, preparada por milênios, e alcança realização plena pela encarnação, morte, paixão e ressurreição de Jesus. Sob esse enquadre interpretativo, no movimento impulsionado pela História, as assembleias particulares espalhadas pelo mundo são chamadas a viver, na urgência do tempo cronológico, “a nova e eterna aliança”<sup>24</sup>, cuja visão beatífica será plena em “novos céus e em novas terras”<sup>25</sup>.

## O sinal teológico e social de estar juntos

A condição de unidade revela o tecido da ekklesia, em composição contínua, que aproxima, sacramentalmente, os fios de cor teológica e os fios de matiz comunitário. Nessa trama, constitui-se o locus theologicus da redenção, por meio do qual “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”<sup>26</sup>. Com tal acento, não há marcas irrevogáveis de oposição entre o sagrado e o humano; antes, vem à tona o Verbo in transitu, que dinamiza os caminhos da humanidade, resgatando-a para o seu livre destino. O exame desse aspecto merece a expansão do sinal sensível: a releitura da visão escriturística e patrística de Cristo e da Igreja como real sacramento<sup>27</sup>.

No domínio de tal observação, sendo a liturgia “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força”<sup>28</sup>, surge a dimensão de que cada membro da comunidade eclesial tem direito e obrigação à participação consciente, ativa e plena na ação celebrativa. Uma consideração a ser feita nesse contexto é que a celebração é inscrita em uma dinâmica de inter-ação, na qual todos os membros da assembleia “exercem um verdadeiro ministério

<sup>24</sup> Cf. Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20.

<sup>25</sup> Cf. Ap 21,1.

<sup>26</sup> Cf. Jo, 1-14.

<sup>27</sup> Cf. BORÓBIO, Dionísio. **Historia y teología comparada de los sacramentos**: El principio de la analogía sacramental. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2012.

<sup>28</sup> Cf. SC 10.

litúrgico”, no desempenho de suas funções, “com a piedade sincera e a ordem que convém a tão grande ministério e que, com razão, o povo de Deus exige deles”<sup>29</sup>

### **O movimento litúrgico e literário do Verbo: do significante ao significado**

Com a contribuição de novos diálogos, o estudo da Palavra proclamada na assembleia litúrgica pode ser adensado a partir de questões permanentes na esfera do verbo literário.

O repertório crítico-teórico constituído para o tecido da liturgia encontra uma instância intermediária na integração de múltiplas perspectivas. Com efeito, contemplar o texto literário como o locus da aproximação e do confronto significa acompanhar o movimento do verbo: se aflora aquilo que é visível, surge também o encoberto. No entrelaçamento das linhas, o texto irrompe como expressão de subjetividade singularizada e metaforiza, em última instância, a voz da arte em diálogo com o ser do mundo empírico em uma moldura que reflete a ação da palavra. É nesse evento que ocorre a tessitura: o verbo revela o homo fictus e, numa relação de equivalência, o Verbo revela o homo religiosus.

O trânsito dialógico entre o significante (a imagem material da palavra) e o significado (a imagem conceitual da palavra), inspirado em princípios fundantes dos estudos da linguagem, sugere a realidade visível e a realidade invisível da comunidade eclesial. O termo igreja contempla, simultaneamente, a reunião local de cristãos e a multidão dos que foram remidos no sangue do Cordeiro<sup>30</sup> na perspectiva de que A Igreja é, ao mesmo tempo, universal e local: “Uma celebração aparece como o momento em que uma Igreja participa da liturgia celeste. Nesse momento intenso, o Senhor vem à sua Igreja que está aqui, neste lugar.”<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Cf. SC 29.

<sup>30</sup> Cf. Ap 7, 13-14.

<sup>31</sup> Cf. CORBON, Jean. **A fonte da liturgia**. Lisboa, Paulinas, 1999, p. 90.

Trata-se, de certa forma, da presença polissêmica da palavra, que promove a contínua ampliação de sentidos. Articula-se, portanto, a plurissignificação da palavra com a essência do texto teológico e literário. No pensamento de Hardy-Vallée<sup>32</sup>, um conceito simboliza uma categoria de eventos, de situações ou mesmo de um objeto, e pode ser manifestado por meio de palavra(s). Nessa perspectiva, a trama dos fios tem continuidade.

## A complexidade do *Sacramentum*: o tecido que não se rasga

A túnica era sem costura, tecida como uma só peça, de alto a baixo.

Disseram entre si: “Não a rasguemos

A proposta deste texto autoriza, na relação entre o visível e o não visível impressa no enquadre simbólico da liturgia, a relevância de um olhar crítico, direcionado para a compreensão do pensamento mais integrado e articulado em busca do diálogo entre o divino e o humano. Em tempos de Pós-Modernidade, interessa, pois, sublinhar a óptica das partes organizadas e desorganizadas que desenham um sistema. O processo aponta, em última instância, para o caminho de um paradigma emergente, também chamado de paradigma da complexidade. Aqui surge uma questão crucial: toda mudança requer uma transformação de pensamento e compreende um desafio cultural e sociológico mais abrangente, multidimensional, contextualizado e multidisciplinar, como afirma Morin<sup>33</sup>. O modo de definir essa mudança permite configurar paradigmas em condição emergente, em sociedades cada vez mais pluralistas.

A consideração atenta de tal paradigma propicia uma visão global, sistêmica e integrada na relação parte-todo, de forma particular ao romper com a fragmentação, a linearidade e o reducionismo e ao

<sup>32</sup> Cf. HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013.

<sup>33</sup> Cf. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

buscar a aproximação dialógica de realidades opostas. Nesse conjunto, encontram-se ricas confluências entre a Palavra e a palavra.

O autor inicia uma reflexão instigante sobre o pensamento complexo

O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza. Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar...<sup>34</sup>

Lançando esse novo olhar ao mundo, Morin passou a concebê-lo como um sistema aparentemente caótico, com estruturas dinâmicas e imprevisíveis, porém auto-organizáveis e inter-relacionadas. No percurso estabelecido pelo autor, um sistema é uma “associação combinatória de elementos diferentes”<sup>35</sup> que deve ser assentado de forma abrangente, ampliando seu escopo “dos átomos às estrelas, passando pelos seres vivos e pela sociedade”<sup>36</sup>. O sistema é visto, nessa trama, também como um termo gerador, de modo contrário ao “holismo, que procura a explicação no nível da totalidade e se opõe ao paradigma reducionista, que procura a explicação no nível dos elementos de base”.<sup>37</sup>

Inspirado nas fontes de Morin, Fortin<sup>38</sup> afirma que as qualidades emergentes do sistema, considerado em seu sentido gerador, surgem das inter-relações entre seus elementos. Em essência, são novos atributos que aparecem na esfera do todo, propriedades emergentes das

<sup>34</sup> Cf. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008, p.13-14.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>36</sup> FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução e o método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 44.

<sup>37</sup> Op. cit., p. 256.

<sup>38</sup> FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução e o método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

“associações entre elementos que não são somativas, mas transformadoras” e, portanto, “irredutíveis às propriedades dos elementos considerados isoladamente”.<sup>39</sup>

Nesse sentido, Morin<sup>40</sup> propõe não isolar ou reduzir o todo e as partes, visto que é essencial estabelecer uma ligação, “inscrevendo-os num circuito recursivo onde, por meio de complementaridades e antagonismos, eles se co-produzam e se co-gerem”<sup>41</sup>. Com tal processo, a noção de sistema designa a totalidade do conjunto de relações entre seus elementos formando um todo<sup>42</sup>, noção essa que carrega em si uma unidade complexa, não reduzida à soma de suas partes.

Na liturgia, a Palavra assume a presença de gestos, atos e palavras. Fé e razão, Tradição e renovação, graça e obra são tecidas no movimento de encarnação do Verbo. Tal perspectiva instaura a essência da História nos horizontes da ambiguidade, pois a existência humana implica uma dupla dimensão - a finitude e a infinitude - revelada na complexidade do sacramentum que nutre um sistema de ações particulares e comunitárias.

A aproximação do paradigma da complexidade com o modelo da assembleia litúrgico-cristã revela uma leitura múltipla, na certeza de que a reunião histórico-local dos cristãos antecipa a comunhão do mistério que será plenamente visível na experiência escatológica. É na interface entre a presença e ausência, entre a ordem e a desordem, apresentada no tecido que não é rasgado, que a revelação da economia do Reino deixa-se transparecer na assembleia litúrgica.

## As duas mesas da liturgia

No cenário de progressivos avanços postos pelo pós-Vaticano II, a liturgia pode representar um sistema complexo e dinâmico que

---

<sup>39</sup> FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução e o método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 44.

<sup>40</sup> Cf. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008; Cf. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

<sup>41</sup> Cf. MORIN *apud* FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução e o método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 51

<sup>42</sup> Op. cit., p. 258.



atualiza o amor do Pai por meio do sacrifício do Filho, na ação do Espírito. Essa dimensão trinitária valoriza a história humana como o locus da manifestação do plano salvífico de Deus e coloca a ação evangelizadora da Igreja em sintonia com os sinais dos tempos. Nesse acento, vale ressaltar que tal ação não deve ser lida como atemporal ou a-histórica. Antes, ela se funde no encontro entre fé e vida e, no equilíbrio das duas esferas, a Igreja nutre a sua presença no mundo.

Na celebração eucarística, a liturgia memorial expressa todo esse movimento para a experiência do mistério pascal. Taborda<sup>43</sup> apresenta, numa perspectiva ampla, três elementos de composição para o rito, como construção de uma via mistagógica prolongada pelos caminhos da História: 1) o povo reunido em assembleia; 2) a Liturgia da Palavra, com a proclamação de textos do Antigo e do Novo Testamento; 3) a Liturgia Eucarística, com a apresentação dos dons, oração eucarística e comunhão.

Estabelecido o panorama, um olhar mais atento é lançado sobre a Liturgia da Palavra, que em inter-relação com a Liturgia Eucarística, compõe uma única e indivisível ação litúrgica. Nessa compreensão, Taborda (2009) ressalta a “unidade das duas mesas”, ambão e altar, que asseguram a identidade da assembleia litúrgica.

O diálogo entre as mesas nutre uma nova experiência celebrativa: a Palavra de Deus, como promessa, é transformada em ação eucarística e comunitária. Trata-se, pois, de um movimento litúrgico-teológico que contempla a graça e o serviço. Ferraris<sup>44</sup> sublinha que a Palavra da proclamação torna-se a Palavra do alimento. Assim, o Verbo, pela presença do rito, se faz carne no ventre da assembleia particular e da Igreja Universal, transformando as palavras humanas em atos e gestos concretos de comunhão. Na visão de Taborda<sup>45</sup>, “a finalidade da eucaristia é transformar-nos a nós no corpo eclesial de Cristo por meio da comunhão no corpo sacramental. Por isso, a eucaristia é o sacramento da unidade”.

---

<sup>43</sup> Cf. TABORDA, Francisco. **O memorial da páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

<sup>44</sup> Cf. FERRARIS, Felice. **La mensa della Parola e dell'Eucaristia**: per ben celebrare com il Lezionario e il Messale. Milano, Paoline, 2009.

<sup>45</sup> Op. cit., p. 101.

A liturgia é um tecido que não se rasga. No sacramentum complexus, cai por terra a concepção dualista que separa a salvação de Deus e as aspirações da comunidade humana, a Igreja celeste e as comunidades temporais, a experiência da graça e as experiências da História. Surge, pois, uma profunda unidade que abrange todas as relações da criação e que aproxima as várias dimensões da humanidade. A Palavra assume as formas da palavra nas ricas pluralidades da condição humana, em sociedades e culturas de todos os tempos.

## A tessitura dos fios

A obra da salvação continuada pela Igreja realiza-se na liturgia

O artigo ressalta o despertar de reflexões substanciais acerca da liturgia pós-conciliar e de sua natureza humana e divina. O sinal da presença e da ausência, da realidade histórica e da *Historia Salutis*, na perspectiva da trama teológica, contribui para o entendimento e para a vivência do *mysterium*, visto que a assembleia cristã, una e plural, está sempre em movimento, “aberta”, “acolhedora”, “atenta”, “respeitosa”, “cuidadosa”, “exigente”.<sup>46</sup>

A arte é caracterizada pela transição *ad infinitum*. Nessa premissa, o sujeito é impelido a questionar a sua identidade, em resposta aos elementos externos que instauram o exercício da consciência crítica. Emerge, desse modo, a transação, o movimento incessante que prefigura um tempo aberto aos possíveis. Tal processo, na insígnia da incompletude, acolhe como ponto de partida a constituição do tecido litúrgico-literário. Com essa moldura, na esfera da complexidade, há um desdobramento cadenciado do signo em palavra, da palavra em fragmento e do fragmento em tecido, que se submete a uma ordem (ou desordem) comunitária teológica, e estética, concebida internamente pelo ritmo do Verbo e do verbo literário.

---

<sup>46</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. **Em nossas assembléias**: teologia pastoral da missa. São Paulo: Paulinas, 1973.

Em síntese, se por um lado é possível propor uma visão crítica acerca do tema, por outro é imperioso ressaltar a sua relevância, de modo particular, para o cristão-celebrante que almeja refinar o repertório de conceitos e de percepções ao ser envolvido pela força do Concílio Vaticano II, marco de uma nova visão do presente e do futuro<sup>47</sup>.

Com o impulso da liberdade literária, aponta-se para a moldura e para os ornamentos do tecido, uma vez que a partir dos ricos e múltiplos olhares sobre a liturgia e a palavra, a comunidade humana é provocada, de forma instigante, a fazer parte do rito da tessitura humana, discursiva, e litúrgica de sua própria existência.

## Bibliografia

- BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **O destino do homem e do mundo**. 12. ed. Petrópolis, rio de Janeiro, 2012b.
- BORÓBIO, Dionísio. **Historia y teología comparada de los sacramentos: El principio de la analogía sacramental**. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2012.
- CELAM. **Manual de liturgia IV: a celebração do mistério pascal, outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja**. São Paulo: Paulus: 2007.
- CORBON, Jean. **A fonte da liturgia**. Lisboa, Paulinas, 1999.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II: a luta pelo sentido**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FERRARIS, Felice. **La mensa della Parola e dell'Eucaristia: per ben celebrare com il Lezionario e il Messale**. Milano, Paoline, 2009.

---

<sup>47</sup> JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II: a Igreja aposta no amor universal**. São Paulo: Paulinas, 2013.

- FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade: introdução e o método de Edgar Morin**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- GELINEAU, Joseph. **Em nossas assembléias: teologia pastoral da missa**. São Paulo: Paulinas, 1973.
- GERHARDS, Albert; KRANEMANN, Benedikt. **Introdução à liturgia**. São Paulo: Loyola, 2012.
- GIRAUDO, Cesare. **Stupore eucarístico: per una mistagogia della messa “attraverso i riti e le preghiere”**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013.
- JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II: a Igreja aposta no amor universal**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LIBANIO, João B. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso**. São Paulo: Paulus, 2014.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- TABORDA, Francisco. **O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2009.

Recebido em: 30/03/2015

Aprovado em: 07/05/2015